

# **CORPOS DÓCEIS: A CONSTRUÇÃO DO CARÁTER FEMININO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO DAS FRANCISCANAS DE DILLINGEN.**

\*DANTAS, Pollyana Cardoso.

\*\*AGUIAR, Shirley Cardoso Gonçalves de.

## **RESUMO**

Este estudo tem como objeto de análise a construção do caráter feminino através da educação das Franciscanas de Dillingen, do Colégio Santa Rita - Areia/PB (1937 a 1957). É um estudo que concede particular atenção nas relações de poder em que o corpo é submetido a mecanismos disciplinadores que pretendiam torná-lo dócil a serviço de modelar o caráter feminino, a partir dos hábitos, costumes, crenças e valores. Esta pesquisa teve como referencial teórico os trabalhos de Raymond Willians e Michel Foucault e de estudiosos sobre história cultural e mentalidades, como: Pesavento e Jacques Le Goff. A partir da discussão, concluímos que, as práticas pedagógicas utilizadas pelas religiosas do Colégio Santa Rita tinham o objetivo principal de educar as jovens, de modo que elas fugissem dos vícios e de suas ocasiões que firmam hábitos de conduta e caráter.

Palavras-Chave: Gênero. Educação Religiosa. Sociabilidades.

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

A história da educação das Franciscanas de Dillingen, presente nesse artigo apresenta um modelo feminino capaz de mobilizar as alunas para cumprirem o seu papel social e a sua perfeição, através da valorização dos bens espirituais e do poder disciplinar.

Nos últimos anos os estudos relacionados a gênero permitiram demonstrar a construção de uma condição natural e biológica da qualidade feminina, utilizada para justificar a fragilidade, a submissão, a função de “rainha do lar”, ligada às amarras da maternidade, entre outros.

---

\* Graduanda em História – Universidade Estadual da Paraíba.

\*\*Mestranda em História - Universidade Federal da Paraíba.

A educação preocupada em adestrar indivíduos para que possa desempenhar funções na sociedade lida com uma dimensão do poder considerado disciplinar, o qual “permite o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas formas e lhes impõe uma relação docilidade-utilidade” (Foucault, 1979, p. 126).

Em relação à educação feminina, o processo de sujeição, historicamente, tem transcendido à relação educador-educando e o período de escolarização. O conhecimento que lhes é dado serve para introjetar preconceitos de inferioridade, de submissão e de subserviência, de modo que o seu adestramento vem servindo para produzir um conhecimento diferente daquele conquistado pelo sexo masculino.

Portanto, a contribuição desses estudos tem ajudado a erradicar na sociedade uma série de mitos que foram conferidos aos gêneros nos diferentes locais, principalmente em locais em que as práticas e os discursos se interligavam para efetivar controle, como em instituições encarregadas de determinar deveres e saberes à população.

Areia, conhecida como “Terra da Cultura” para evidenciar o seu desenvolvimento cultural e progressista, funda um ambiente capaz de exercer a civilidade e a preocupação na formação educacional e religiosa, elaborado sobre normas e saberes para disciplinar o comportamento feminino, institui o Colégio Santa Rita.

No período em que se encontra o internato (1937 a 1957), Areia presencia o ideário de modernidade e progresso e com eles os discursos da Igreja, que viam esse período como uma ameaça aos bons costumes, pois o carnaval, as músicas, as modas, o cinema e tantos outros símbolos de modernidade despertavam os olhares de uma sociedade ainda conservadora.

Os tempos modernos levantavam a preocupação da Igreja com o corpo feminino e, principalmente, com a formação moral, pois num período em que a moda influenciava a maneira de vestir e andar capaz de despertar desejos, as imagens de Maria e de Eva iam sendo construídas com o objetivo de conservar as qualidades correspondentes ao sexo feminino de um lado, e identificar as conseqüências de um comportamento inadequado de outro.

Com isso é necessário entender os ideais de modernidade e cultura que estão sendo construídos neste período, os quais passam a influenciar todos os campos da sociedade. Alguns deles, os quais estão ligados à questão do feminino, tais como: ensino privado, instrução profissionalizante, urbanização, higienização e a própria religião.

Entendemos por modernidade o fenômeno de reordenamento dos mais variados campos da sociedade, dando a ela uma nova configuração, realizando uma transformação profunda das idéias e valores até vigentes, pois, esses ideais de modernidade se expandem tomando um

ritmo lento ou acelerado de transformações, dependendo dos meandros políticos – sociais a que estão inseridos.

Dentro desse contexto de modernidade encontramos a questão do feminino que passa a ser objeto de estudo de várias áreas de conhecimento, sob o aspecto de modificações sociais, pois, “a força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social.” (Pesavento, 2005, p.42).

Por outro lado, a história cultural permite reconstruir o passado como objeto de pesquisa, tentar atingir a percepção dos indivíduos no tempo, pois, “o tempo não é um conceito, mas um símbolo cultural é uma compreensão da dimensão da experiência humana” (Elias, 1998, p. 64) avaliando quais são seus valores, aspirações, modelos, ambições e temores, pois o homem é um ser permanente em busca de si mesmo, de suas referências, de seus laços identificadores. Como compreende Willians (1992, p. 57):

O objetivo da história cultural não é somente a interpretação das práticas culturais que comportam em si significados próprios de sua época e lugar, mas também a preocupação em compreender o papel da cultura na dinâmica das relações sociais.

A história cultural identifica o modo como em diferentes lugares e momentos de uma determinada realidade social é pensada, construída e dada a ler.

Sendo assim a educação feminina não poderia ser compreendida sem uma sólida formação dos preceitos da Igreja Católica, que implicava no ideal feminino, como o recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora dos filhos e filhas; isso seria a chave principal de qualquer projeto educativo, portanto, os conventos ou recolhimentos não foram apenas espaços para viver piedosamente ou submissas à religião, mas um dos poucos lugares em que aprendiam a ler e a escrever.

Até o século XIX apresentavam-se tradicionais centros de cultura que abrigavam meninas para serem educadas e bem instruídas no espaço das letras, artes, manuseio dos bordados, música, ações sociais e culinárias. A respeito, diz o primeiro historiador paraibano, Maximiano Lopes Machado (1912, p. 424):

Foi o convento uma das casas mais regulares da ordem, e onde existiam religiosos de virtudes e saber. Desde o ano de 1682 até o de 1708 teve noviciado e aulas maiores. Essas aulas maiores correspondiam ao ensino de Filosofia e Teologia.

Diante disso, a família, a escola e a sociedade em geral investem na formação de um determinado tipo de caráter dos seus membros, em decorrência da importância que ele tem para a manutenção da estrutura de poder, pois “as ideologias de uma sociedade podem tornar-

se força material apenas com a condição de que mudem a estrutura de caráter do povo” (Reich, 1988, p.165). Por outro lado, após o caráter ter sido moldado, torna-se fácil conduzir pessoas.

Entretanto, para se chegar ao comportamento considerado desejado pelas Franciscanas de Dillingen, foi preciso investir na formação do caráter através da disciplina e do poder, mediante a criação de convicções de modo a formar mulheres capazes de cumprir seus deveres em todas as circunstâncias da vida.

A preocupação não consiste apenas em identificar essas convicções, mas principalmente, em compreender o seu reflexo, o produto final, o tipo de ser feminino dessa formação, mesmo quando, explicitamente, estejam visando atingir o corpo, os gestos e as atitudes, atingem também a alma, pois segundo Foucault (1977, p. 114), ela é “a sede dos hábitos”.

Diante disso, fica evidente que essas características tidas como constitutivas da “natureza” feminina, na verdade são aprendidas através da socialização e do processo educativo a que elas se acham submetidas, com seus mecanismos de modelagem e de disciplinamento, bem como, na construção de identidades e representações sociais.

Assim, a construção do caráter feminino através do modelo educativo das Franciscanas de Dillingen, não visava apenas atingir o corpo, fazendo com que as jovens andassem numa postura correta, sentassem com distinção ou colocassem as pernas corretamente, pretendia também atingir a alma formando hábitos de conduta e uma forma de ser, desenvolvendo o caráter feminino.

## **2. SEGREDOS DO INTERNATO**

No decorrer do ano de 1907 constatou-se em Areia que a Igreja de Santa Rita, construída em 1863, pelo religioso frei Herculano do Monte Carmelo, ameaçava desabar. Então, o vigário da Paróquia Padre Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque, resolveu aproveitar o prédio para a instalação de um hospital.

Nessa ocasião em 08 de dezembro de 1910, Dom Aduino de Miranda Henriques, bispo da Paraíba, sugeriu a Padre Odilon que ali se fundasse não um hospital, mas um colégio para moças. E assim, de fato, ocorreu. Em fevereiro de 1912, a cidade de Areia adquire o Colégio Santa Rita.

De início vieram as freiras francesas da congregação da Sagrada Família, as filhas de Santa Emília de Rodat.

No início do século XX o mundo estava dominado pelas ditaduras nazi-fascistas, ditaduras essas implantadas com a ajuda da burguesia industrial temerosa de perder seus privilégios ameaçados pelo socialismo e pelos movimentos operários (Alemanha, Itália e Espanha) ou pela política liberal republicana (Portugal).

Em pleno apogeu do nazismo, Hitler decretava o afastamento das religiosas das Escolas da Alemanha, a fim de impedir os sentimentos cristãos no ensino e na educação dos alemães.

Quando por um decreto de Hitler, as Escolas Católicas da Alemanha foram fechadas, as Franciscanas de Dillingen tiveram que engajar-se em outras atividades. Nesse momento chega a Casa Mãe, em Dillingen, às margens do Danúbio, no Estado da Baviera um pedido para as Irmãs assumirem um educandário no Nordeste do Brasil.

Decorria o ano de 1937, quando chegavam a Areia, vindas da Alemanha, as irmãs Franciscanas de Dillingen.

Desde o começo, as Franciscanas viam a educação como uma forma de cooperação com Deus, visando formar o indivíduo à sua imagem e semelhança. Nisso, a educação feminina sempre foi vista como de grande importância, pois acreditavam que a mulher possuía uma natureza mais delicada e aberta para o amor desinteressado, como o amor materno, no qual ela se doa e se entrega para o bem do outro.

Isso era imprescindível com as mulheres porque elas seriam as futuras esposas e mães, e a elas seriam confiadas à educação dos filhos na primeira infância e a responsabilidade pela sustentação moral da família, papéis fundamentais nos planos de Deus e da sociedade.

Para desenvolverem essas qualidades, as jovens necessitavam de uma educação especial, bem direcionada, onde aprendessem não só a controlar os seus impulsos, como também a pensar justo, a viver de acordo com suas faculdades morais e intelectuais, tarefa que tinha nas Franciscanas de Dillingen a sua melhor opção.

A partir daí, podemos perceber que os olhares dessa instituição estavam em educar fisicamente e moralmente o comportamento feminino das “moças de família”, sob estratégias postas em práticas educacionais que objetivavam conservar a virtude feminina e afastar o pecado.

O aspecto da formação das religiosas destinava-se a ensinar as jovens a serem discretas, caridosas, alegres, mansas e modestas. A rir moderadamente, a falar com mansidão, a andar discretamente, a falar apenas o necessário, a respeitar os momentos de silêncio. Também o espaço era codificado, de modo que as alunas sabiam onde podiam ir a cada momento, onde

era permitida ou vetada sua circulação. Regras e códigos foram implantados no sentido de controlar e adestrar a sexualidade e o próprio caráter.

Observamos que essas instituições funcionavam como aparelhos para emitir deveres, saberes e também poderes. Não obstante, isso traz muitos benefícios para a sociedade, na medida em que o indivíduo modelado passará a agir de acordo com os princípios estabelecidos.

Por outro lado, “o poder produz saber”. O campo do conhecimento é determinado por essa relação e pelas lutas que o atravessam, como trata Foucault (1977, p. 36) “não é a atividade do sujeito do conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento”.

De posse dessa indicação foucaultiana os mecanismos de disciplinamento funcionam como formas de controle, com os objetivos de produzir indivíduos com uma grande força produtiva e uma pequena capacidade de reação. Desse modo, eles estão o tempo todo a serviço do poder. Poder que reprime, mascara e censura, mas que, também, produz um tipo de saber, de realidade e de indivíduo.

O disciplinamento é analisado em nosso estudo como uma forma de exercício do poder colocado em prática no processo educacional, de modo a controlar os corpos das educandas, seus movimentos, suas posições, sua forma de apresentar-se, visando “fabricar” corpos adequados a fins produtivos. “A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos” dóceis”. (Foucault, 1977, p. 127).

Nesse processo, além de outros mecanismos de vigilância, o olhar ganha uma importância e autoridade incomparável aos demais órgãos dos sentidos. Foucault entende que o olhar do poder é fixo e centralizado, como dispositivo essencial da estratégia do poder ocidental. Desse modo, essa educação visava formar mulheres mansas, religiosas, caridosas, humildes, modestas, silenciosas e obedientes, mulheres disciplinadas no corpo e no espírito.

O corpo submetido a mecanismos disciplinadores que pretendiam torná-lo dócil estava inserido nas relações de poder para então se tornar útil, enquanto, as disciplinas estavam encarregadas de adestrar o corpo. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformados e aperfeiçoados”. (Foucault, 1977, p. 118).

A construção do caráter feminino dirigido na pretensão de formar, modelar ou até mesmo adestrar corpos dóceis, utilizados como máquinas para se aperfeiçoarem de acordo com a moral estava inserido sob formas de dominação construída pelo poder da Igreja.

Todos os mecanismos utilizados pelas Franciscanas de Dillingen, no cotidiano do colégio Santa Rita tinham como objetivo principal educar as jovens, de modo que elas praticassem a virtude e fugissem dos vícios e de suas ocasiões. Assim, a educação ministrada por elas não visava apenas atingir o corpo, fazendo com que as jovens andassem numa postura correta, sentassem com distinção, colocassem as mãos e as pernas corretamente; ela pretendia também atingir a alma formando hábitos de conduta e uma forma de ser.

Esse tipo de forma de ser feminina, longe de representar um aspecto natural da sua natureza, é um aprendizado social, o qual define as características dos sexos, que são apreendidas pelas pessoas. Como expressa Margaret Mead, (1988, p. 268):

A natureza humana é quase incrivelmente maleável, respondendo acurada e diferentemente a condições culturais contrastantes. As diferenças entre indivíduos que são membros de diferentes culturas, a exemplo das diferenças entre indivíduos dentro da mesma cultura, devem ser atribuídas quase inteiramente às diferenças entre indivíduos dentro da mesma cultura, devem ser atribuídas quase inteiramente às diferenças de condicionamento, em particular durante a primeira infância.

Desse modo, torna-se fácil entender a disposição com que as alunas do Colégio Santa Rita recebiam ensinamentos dados e os colocavam em prática. Certamente ensinar hábitos de conduta era uma forma de ensinar princípios que moldariam a sua estrutura de caráter.

Outra questão a ser dirigida pelas Franciscanas de Dillingen consistia em apresentar como educação para o caráter feminino a utilização do silêncio, o que se dava através da inibição dos seus instintos. Esse modelamento, apesar de refletir os princípios doutrinários seguidos pelas religiosas, representava também o que era exigido da mulher pelo mundo externo, relacionados aos papéis sociais que ela deveria desempenhar, “pois toda sociedade atribui papéis diferentes aos dois sexos, cerca-os desde o nascimento com uma expectativa de comportamento diferente.” (Mead, 1988, p. 23).

Do mesmo modo que as religiosas achavam que o silêncio era uma virtude, que elas mesmas precisavam praticar estimulava também as alunas a serem silenciosas. Eram muitos os argumentos a favor do silêncio, pois “o silêncio é cheio de luz, ele põe na alma harmonia, unidade e amor” (Martin, 1939, p. 20).

Portanto, formar mulheres modestas, simples, sem vaidades, preocupadas com o próximo, dóceis, recatadas, organizadas; mulheres que soubessem controlar os seus impulsos, frear suas paixões, disciplinar o corpo de modo a sentarem sem incliná-lo nem pendurá-lo, que andassem sem movimentos insinuantes, que sentassem à mesa sem deixarem os cotovelos à vontade, não consistia em um compromisso ligado apenas aos princípios pedagógicos e

doutriniais do Colégio Santa Rita à qual o mesmo pertencia e sim uma exigência social que respondia aos papéis atribuídos pela sociedade ao sexo feminino.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o processo educativo do Colégio Santa Rita visava formar de caráter sóbrio, dócil, manso e dedicado. Para isso, investiam no ensino da religiosidade, da modéstia, da caridade, do silêncio e da obediência.

Por isso tanto homens quanto mulheres, aprendem através da socialização e do processo em geral, caracteres que passam a exercitar. Assim, por um processo de modelagem, as mulheres absorvem alguns preconceitos a seu respeito, que as fazem inseguras, menos afoitas, mais conservadoras e obedientes.

As internas deviam seguir o modelo de Maria, baseado na pureza, na dignidade, na bondade e no devotamento. Precisavam ser modestas na forma de se trajarem e de se comportarem, aceitando sem murmúrios os castigos e as orientações dos mestres.

Além de silenciosas as alunas eram formadas para serem obedientes. A obediência não significava algo desqualificador e sim dignificante e positivo, pois era tido como um ato de humildade.

Diante disso fica evidente que essas características tidas como constitutivas da “natureza” feminina, na verdade são aprendidas através da socialização e do processo educativo a que elas se acham submetidas, com seus mecanismos de modelagem e de disciplinamento.

### 4. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_ . **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Vozes, 1977.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5a ed. Campinas/ SP: Editora da Unicamp, 2003.
- MACHADO, Maximiano Lopes. **História da Província da Parahyba**. Parahyba do Norte: Imprensa Oficial, 1912.
- MARTIN, Marie Saint-Jean. **O Silêncio**. Roma. 1939.

- MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. São Paulo, Perspectiva, 1988.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- REICH, Wilhelm. **Análise do Caráter**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.